

Os historiadores no labirinto da pós-modernidade

Aline Loretto Garcia*

Introdução

A história desde seu nascimento se encontra em crise. Crise esta que remete à ambivalência do discurso histórico, sempre tensionado entre o real e a ficção.

Heródoto, aquele que nos foi apresentado por Cicero como o pai da história, encarna bem em sua obra essa tensão. Em seu trabalho, *Histórias*, assistimos a transição do poeta contador de lendas e que tem como missão celebrar a glória imortal do herói, para um personagem até então desconhecido, o *hístôr*, que tem como tarefa retardar o desaparecimento dos traços das atividades dos homens.

Essas foram às primeiras palavras de Heródoto no início de sua obra *A Guerra*:

Heródoto de Halicarnasso apresenta aqui os resultados de sua investigação, para que o tempo não apague os trabalhos dos homens e para que as grandes façanhas, realizadas pelos gregos e pelos bárbaros não caiam no esquecimento. (HERÓDOTO, 1994, p.53).

Através desse trecho fica claro que o objetivo de Heródoto era atribuir aos indivíduos uma reputação de herói, a fama eterna, a lembrança do seu nome e dos seus feitos. Heródoto só queria evitar o esquecimento das singularidades humanas, e para fazer isso se permitia a invenção a criação. O belo, a emoção estava acima do rigor documental.

Alguns anos depois de Heródoto nasce Tucídides. Este conta que quando criança teve oportunidade de ouvir Heródoto contar suas histórias em Olímpia. E que diante de tanta beleza chorou de emoção. Apesar desse encantamento, o filho mata o pai, e Tucídides passa a desqualificar a obra de Heródoto, cujas composições, segundo ele, visam agradar o ouvinte, e não a verdade. Segundo Tucídides, "Heródoto é um mitólogo e ele é diferente do seu mestre por buscar a verdade". "Eu só falo com testemunha ocular ou depois de uma crítica atenta e tão completa quanto possível das minhas informações." (TUCÍDIDES 1987, p.22).

Para François Dosse, delimitando seu campo de investigação ao que ele poderia observar, Tucídides reduziu a operação historiográfica a uma restituição do tempo presente, resultando de um ocultamento do narrador que se retira para poder falar os fatos. No próprio nascimento do gênero histórico, encontra-se, portanto, essa ilusão do auto ocultamento do sujeito histórico e de sua prática de escrita para melhor dar ao leitor a impressão de que os fatos falam por si mesmos. (DOSSE, 2003).

O relato feito acima mostra que o saber histórico nasce de um embate como se a verdade estivesse em oposição a uma narrativa cujo propósito seja emocionar os ouvintes.

Passado mais de dois mil anos desde que Heródoto e Tucídides publicaram suas obras a história ainda não saiu do divã.

Segundo Alfredo Oliva no mundo contemporâneo o mal estar no campo historiográfico poderia ter uma dupla origem: discussões que se originaram no próprio campo historiográfico e que estariam em andamento desde o início do século XX, quando alguns estudiosos teriam começado a questionar as dificuldades ou impossibilidades de construir o que aconteceu no passado, e debates que se iniciaram fora do campo historiográfico, e que envolvem a conceituação e a análise do que seria a modernidade e a pós-modernidade bem como as implicações da virada linguística para o conhecimento histórico. (OLIVA, 2011).

Este texto é uma tentativa de refletir acerca deste mal estar historiográfico contemporâneo. Entender quais sentidos são colocados em circulação a partir dele, bem como inserir a historiografia brasileiro interior deste debate. Minha proposta é discutir uma historiografia pós-moderna a partir dos teóricos da história no Brasil. Tendo como questão central perpassando o texto: o que a passagem da modernidade para a pós-modernidade significou para a historiografia brasileira?

Sendo a pós-modernidade apontada como uma das razões do mal estar historiográfico contemporâneo cabe aqui uma tentativa de problematizar o significado do conceito pós-moderno.

1-1. Modernidade, pós-modernidade, historiografia.

Para Linda Hutcheon entre os termos que circulam na teoria cultural e nos textos contemporâneos sobre as artes, o pós-modernismo deve ser o mais indefinido.

Como a expressão traz em si um prefixo que faz referência ao conceito de modernidade, se faz necessário iniciar com uma caracterização da modernidade para depois problematizar o conceito pós-moderno.

Segundo Max Weber entre os séculos XIII e XVI, temos um corte na identidade ocidental que podemos definir através do conceito de modernidade. A modernidade para Weber tem como características a constituição de uma nova ordem política (Estado burocrático), uma nova ordem econômica (ética do trabalho e empresa capitalista) e uma nova ordem social (não fraternidade religiosa). Esse processo levou ao desencantamento das concepções religiosas de mundo, a cultura se laicizou, as sociedades passaram a ser movidas pelo Estado burocrático e pela empresa capitalista. O espírito da modernidade é secularizado, racional e imanente, com a valorização do conhecimento científico em detrimento de outras formas de saber e uma visão epistemológica dualista. (WEBER, 1974.)

Contudo, a partir do século XX, uma crítica sistemática a esse paradigma passou a ser feita. As reflexões fazem referência a uma consciência de ruptura na sociedade e na cultura. Em outras palavras, tais reflexões apontam para o fato de que estaríamos transitando para uma condição pós-moderna.

Nietzsche foi um dos primeiros filósofos a fazer uma crítica ao ethos da modernidade. E, segundo José Carlos Reis, é o mais radical formulador da crise do racionalismo moderno. Se uma cultura vive de crenças e valores, para ele, os valores do homem ocidental moderno: cristianismo, pessimismo, ciência, racionalismo, moral do dever, são sintomas de decadência, de uma vida que se empobrece e se apaga.

A partir dessas reflexões acerca da modernidade, podemos buscar uma significação para o conceito pós-modernidade.

José Antônio Vasconcelos nos escreve que em primeiro lugar, devemos ter em mente que a pós-modernidade constitui uma sensibilidade, não uma teoria geral da sociedade da cultura, pois as teorias fazem parte das metanarrativas, alvo da crítica pós-modernista. Além disso, a pós-modernidade constitui uma sensibilidade que quando

expressa conceitualmente, seja em uma discussão, seja em uma sala de aula ou em uma publicação científica, muitas vezes deixam de ser pós-modernas uma vez que os conceitos muitas vezes exigem categorias forjadas pela modernidade (VASCONCELOS, 2005).

Mesmo assim podemos tentar alguns exercícios de definição. Dando a palavra a Linda Hutcheon “o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia sejam na arquitetura, na literatura, na pintura, na dança (...) na historiografia”. (HUNTCHETON, 1991, p.19).

E por ser contraditório e atuar dentro dos próprios sistemas que tenta subverter provavelmente o pós-modernismo não pode ser considerado um novo paradigma. Ele não substitui o humanismo liberal, mesmo que o tenha contestado. No entanto pode servir de marco para algo novo.

Acerca da condição pós-moderna assim nos escreveu Steven Connor:

A fórmula apresentada por Jean François Lyotard para a emergência do pós-modernismo, a suspeita das metanarrativas - os princípios orientadores e metodologias universais que um dia pareceram controlar. Delimitar e interpretar as diferentes formas da atividade discursiva - conseguiu um amplo acordo. A condição pós-moderna, dizem-nos repetidas vezes, manifesta-se na multiplicação de centros de poder e de dissolução de toda espécie de narrativa totalizante que afirme governar todo o complexo campo da atividade e da representação social. (...). Notável é o grau de consenso do discurso pós-moderno quanto ao fato de já não haver mais possibilidade de consenso, os anúncios peremptórios do desaparecimento da autoridade final e a promoção e a rearticulação de uma narrativa total e abrangente de uma condição cultural em que a totalidade já não pode ser pensada. (CONNOR, 1994, p.31).

Quando pensamos na relação entre a pós-modernidade e a produção historiográfica contemporânea Hayden White em *Trópicos do Discurso* escreve que a historiografia no século XIX assumia um status privilegiado. Quando questionados pelos artistas, os historiadores recorriam ao caráter científico. Quando questionado pelos cientistas, os historiadores recorriam que a história estava muito próxima a arte. Para White ao passo que a arte e a ciência responderam aos anseios de seu tempo, a história permaneceu nos

moldes que foi concebida no século XIX. Dessa forma a historiografia só teria a ganhar abrindo-se a outros modos de representação.

O historiador poderia ser visto como alguém que como o artista e os cientistas modernos, procura explorar certa expectativa sobre o mundo que não se arroga exaurir a descrição ou a análise de todo o campo fenomenal, mas que ao invés, se oferece como uma maneira entre muitas de esclarecer certos aspectos do campo. E usa de modos de representação expressionistas, surrealistas, para a dramatização de dados (WHITE, 1994, p.46).

Sobre a influência do pensamento pós-moderno na historiografia o historiador F.K Ankersmith escreveu que a história ao se aliar a perspectiva pós-moderna teria que abandonar toda a pretensão científica e aceitar a investigação do passado como uma construção de valor puramente estético.

De acordo com Ankersmith

Se concordarmos com o acima-mencionado, isto é, com a aplicabilidade do *insight* pós-moderno à historiografia, gostaria de enunciar uma série de conclusões. Para o modernista, dentro de sua noção científica de mundo, dentro da visão de história que inicialmente todos aceitamos, evidências são essencialmente evidência de que algo aconteceu no passado. O historiador modernista seguia uma linha de raciocínio que parte de suas fontes e evidências até a descoberta de uma realidade histórica escondida por trás destas fontes. De outra forma, sob o olhar pós-modernista, as evidências não apontam para o passado, mas sim para interpretações do passado; pois é para tanto que de fato usamos essas evidências. Para expressar essa ideia por meio de imagens: para o modernista, a evidência é um azulejo que ele levanta para ver o que está por baixo; para o pós-modernista, ela é um azulejo sobre o qual ele pisa para chegar a outros azulejos; horizontalmente em vez de verticalmente. (ANKERSMITH, 2001, p.24).

No contexto pós-moderno Linda Hutcheon, define a história como um problema de representação e da linguagem: diz Hutcheon “nós não criamos acontecimentos, mas atribuímos-lhes significados e fazemos ao interpretar e construir o referente, este de natureza discursiva”. (HUNTCHETON, op.cit, p.203).

Ou seja, em lugar do remetente quer para um referente concreto quer para um significado transcendente, o texto remete sempre para ele próprio.

Linda Hutcheon considera o ato de contar histórias no seio da ficção literária e a própria história como único meio de obter significados provisórios e contextualizados. (Hutcheon, op.cit, 204).

E ainda salienta que a abertura pós-moderna ao mundo é operada através do discurso. O conhecimento do mundo opera-se através das narrativas. O conhecimento do mundo dá-se através das narrativas passadas através de textos e intertextos. É assim que a história se liga a literatura, o passado realmente existiu, nós é que só o conhecemos através de textos.

Na medida em que o acontecimento do passado é textualizado, perde-se a ilusão da transparência histórica, porque não temos um em si mesmo, o acontecimento é transposto para um texto através da linguagem temos então a narrativa do que aconteceu.

O acontecimento histórico tem de ser “traduzido” pela linguagem para desse modo ser conhecido. A linguagem tem assim o poder de clarificar e obscurecer o que mostra acerca da realidade. Questionar a escrita trata-se fundamentalmente de redefinir a capacidade que a história tem de transmitir uma verdade transparente, una e definitiva.

Dessa forma vemos que a repercussão da pós-modernidade na história trouxe a linguagem para a cena principal. De tal modo que tanto o historiador moderno quanto o pós-moderno são chamados a responder ao problema da relação entre história, linguagem, mundo.

Agora tentarei situar a historiografia brasileira diante do debate colocado pela pós-modernidade. Fazer um balanço acerca das reações entusiásticas ou críticas dos historiadores brasileiros diante das questões colocadas pela sensibilidade pós-moderna. Elegerei momentos icônicos nos quais dizeres acerca da pós-modernidade vêm à tona na escrita dos teóricos da história no Brasil.

1.3 As multifaces do historiador brasileiro diante da pós-modernidade

Em 1994 foi publicado na Revista Brasileira de História um texto de autoria da historiadora marxista Emília Viotti da Costa. Neste texto que veio a público com o provocativo título “A Dialética Invertida (1960-1990)” Viotti analisava as correntes historiográficas que buscavam emergir sobre os escombros da historiografia anterior (cartesiana, estruturalista, marxista). E relacionava a emergência dessas novas correntes historiográficas às mudanças que ocorriam nas sociedades e nos processos culturais. Criticando tanto os historiadores que permanecem apegados aos métodos estruturalistas dos anos 60, como os que rejeitavam em bloco as lições do passado e embarcam no pós-modernismo sem qualquer crítica; Emília propôs uma síntese dessas duas tendências.

Para melhor compreensão da ideia da autora resgatarei momentos-chaves do artigo.

Na abertura do texto há evocação de uma interessante imagem “Mai 68, on refrait le monde, Mai 86, on refrait la cuisine. Sobre o jogo de palavras que nos apresenta a historiadora, que apareceu no jornal francês *Le Monde* em maio de 1986, Costa informa que foi reproduzido na capa de um volume de 1987, da *Radical History Review* americana. O sentido da reprodução da ideia do jornal francês na revista americana, segundo a autora, era fruto das preocupações de uma parcela de historiadores quanto ao projeto de construção de uma sociedade mais justa. (COSTA, 1994)

Segundo Costa (1994) o abandono da função da história como construtora de uma sociedade mais justa teria sido colocada em prática por uma historiografia pós-moderna. Historiografia esta que nasceu como crítica a uma forma de fazer história demasiadamente objetiva e que, segundo Viotti, acabou por se tornar numa total inversão da dialética.

E por que ocorreu essa inversão? Um dos problemas diria respeito à excessiva ênfase no discurso que teria promovido a reificação da linguagem, indo ao encontro das propostas de Jacques Derrida quando afirmava a necessidade de se interpretar as interpretações mais do que interpretar as coisas. Além disso, teriam sido abandonadas as críticas de Sartre que se propunha a recuperar o homem no interior do marxismo, optando-se por Nietzsche e seu esteticismo. Por fim a historiografia pós-moderna teria refletido as transformações pelas quais passava a sociedade contemporânea, especialmente as sociedades europeias e americanas, e caberia

aoshistoriadores indagarem sobre sua validade dentro de outros contextos. Como que os problemas, as dificuldades e as capacidades epistêmicas do ocidente mudassem quando atravessamos uma fronteira, por exemplo, da Europa para América do Sul.

Para nós a questão que se coloca é simples: se a nova historiografia nasceu de condições históricas específicas, até que ponto é válido dentro de nosso contexto? Como comparara situação de trabalhadores da América Latina com os trabalhadores europeus e americanos (...)" (COSTA, op.cit,25)

Emilia aponta que a nossa historiografia igualou condições diferentes e conclui que vivemos um novo período da história, período que seria de crise do capitalismo e, por conseguinte momento propício a uma nova síntese e que evite a reificação da linguagem que segundo ela ocorre em uma historiografia pós-moderna.

No ano de 1997 o tema da pós-modernidade volta à tona na historiografia brasileira, em um texto chamado *História e Paradigmas Rivals* escrito por Ciro Flamarion Cardoso.

Cardoso inicia o texto comparando o nosso tempo com o vivido pelos físicos no início do século XX, que padeciam os últimos momentos do modelo clássico newtoniano pré-relativista (no sentido einsteiniano e pré-quântico do mundo)

Os últimos anos do século XX caracterizaram-se por um mal estar teórico e epistemológico entre os cientistas naturais, similar a dos cientistas sócias da atualidade: com o agravante para estes últimos de que as teorias disponíveis caducaram, sobretudo porque o próprio objeto central - as sociedades humanas mudaram muito intrinsecamente (Cardoso, 1997, p 41).

. Tal crise fez com que muitas áreas do saber revissem e reestruturassem suas bases epistemológicas. E a disciplina histórica também foi afetada por tal crise, passando a valorizar a diversidade dos objetos e a diversidade cultural, influenciado por um movimento que se convencionou chamar de pós-modernidade.

Com a pós-modernidade, segundo esse historiador, o conhecimento histórico teria perdido seu caráter científico, racional, sendo recomendável renunciar ao analítico, a macro análise, a explicação, em favor da hermenêutica, da microanálise, da concepção de história como sendo narrativa e literária.

Contudo para Cardoso, essas características epistemológicas da pós-modernidade estariam dando sinais de esgotamento no campo historiográfico.

Há alguns historiadores, dotados de vivo interesse pela epistemologia e pelos métodos de sua área de estudo, bem como conscientes, e isso há vários anos, do esgotamento das estruturas pós-modernas e culturalistas, os quais, por tal razão, mostram-se atentos as repercussões possíveis do declínio do pós-modernismo sobre o futuro imediato da História-disciplina.¹(CARDOSO, op.cit, p. 46).

Assim, em linhas gerais, a pós-modernidade configura-se para Cardoso (no âmbito do saber) como mais uma forma de construir o conhecimento histórico que abandonou o ideal de construir uma sociedade mais justa, mas que ao mesmo tempo já vem dando sinais de esgotamento na atualidade.

Um historiador brasileiro que apresenta uma postura menos profética e pessimista acerca da pós-modernidade é José Carlos Reis no seu livro *História e Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*

Partindo da questão: qual o conhecimento histórico adequado à temporalidade pós-moderna? José Carlos Reis discorre acerca da conjuntura histórica atual e conclui que o conhecimento histórico mais próximo das mudanças da sociedade atual priorizaria a esfera cultural. A cultura sendo entendida como o mundo das ideias, interpretações, valores, regras. Aquilo que um dia foi chamado de um mundo superestrutural. Agora não mais visto como aquilo que é mero reflexo do mundo material, mas como algo que aparece em todas as esferas da vida humana. (REIS, 2003)

Para este historiador a história ao se aliar ao paradigma pós-moderno tende a abandonar as suas pretensões científicas e torna-se um ramo da estética. Se aproxima da arte e passa a entender que forma e conteúdo caminham juntos no processo do conhecimento histórico. A forma passa a ser também mensagem no discurso historiográfico.

A teologia, a utopia, a crença no progresso que levariam a crença na emancipação humana, perderam relevância em favor da

Valorização da alteridade, da diferença regional e local, micro cortes no todo social, apego a micronarrativas e a descrição densa, em detrimento da explicação globalizante, abertura a todos os fenômenos humanos no tempo, com ênfase no individual, no irracional, no imaginário, nas representações, nas manifestações subjetivas, culturais". (REIS, 2007, p.60-61)

Nesses três momentos elencados acima a pós-modernidade foi apreendida de forma diferente pelos historiadores brasileiros. Se com Emília Viotti da Costa, ela aparece como inadequada a realidade brasileira, na obra de Ciro Flamarion Cardoso ela não passa de um modismo passageiro que na atualidade já dos sinais de esgotamento. É com José Carlos Reis que teremos uma visão menos profética ressaltando, sobretudo, como a pós-modernidade permitiu a historiografia se aproximar das discussões filosóficas.

No entanto, nesses três momentos não temos historiadores que assumam uma posição pós-modernista. José Carlos Reis apesar de não criticar a sensibilidade pós-moderna, restringisse a apresentar o fenômeno, sem, contudo tomar uma posição muito claramente. É no ano de 2011 com a publicação do livro *Epistemologias da História: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade* que teremos um grupo de historiadores tomando uma posição pós-modernista.² (GIANNATTASIO, G. & IVANO, R. 2011)

O livro *Epistemologias da História* se constituiu em um conjunto de textos escritos por professores e alunos de história, tendo como objetivo principal refletir acerca da prática historiográfica, tanto no que se refere aos diferentes pontos de vista metodológicos, bem como acerca dos problemas teóricos que se apresentam ao saber histórico contemporâneo. Partindo da premissa que nos tempos atuais não cabe mais ao historiador recorrer ao discurso que a teoria por ele utilizada esta diluída em sua narrativa, nesta obra é colocado em primeiro plano os fundamentos que sustentam o valor do conhecimento histórico.

Os temas tratados no livro são bastante atraentes: a historiografia pós-moderna, seus grandes teóricos (Nietzsche, Foucault, Derrida, Rorty); seus problemas

(verdade, interpretações, o sentido, a virada linguística); e os novos objetos históricos: história e cinema, história e hermenêutica.

Em geral a obra aponta para o fato de que assumir uma posição historiográfica pós-moderna significa não apenas abolir a verdade, como também a exigência de um domínio cada vez maior que o historiador deve ter sobre o seu discurso. Ou seja, colocar as vistas os instrumentos da operação historiográfica. Mostra ainda que na contemporaneidade não podemos produzir um discurso historiográfico sem levar em consideração os estudos feitos pelas teorias e filosofias da linguagem. Independente do uso que se queira fazer da história, independente da metodologia a se utilizar, há algo que se impõe ao historiador: a história opera no campo da linguagem.

Para finalizar, apesar das conclusões opostas que os historiadores brasileiros chegaram acerca da pós-modernidade na historiografia, a grande importância do pensamento pós-moderno é levar a Teoria para o centro da análise dos estudos históricos. Como certa vez nos escreveu Keith Jenkins quando vamos às livrarias dificilmente encontramos uma prateleira dedicada a Teoria da História. Ou ainda como nos colocou David Harlan historiadores são pessoas céticas, eles receiam que, uma vez deixando-se distrair pela teoria, passarão a vagar por um labirinto do qual não encontrarão a saída. Dessa forma o grande mérito do pensamento pós-moderno é levar o historiador brasileiro a olhar para a teoria e refletir sobre a singular e crucial questão: o que faz o historiador?

Bibliografia

ANKERSMITH, Frank. *Historiografia e pós-modernismo*. Revista Topoi, Rio de Janeiro, vol.2, n 2, p. 113-135, mar.2001

CARDOSO, C. F. História e paradigmas rivais. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru: Edusc, 2005.

CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stella Sobral. São Paulo. Loyola, 1994.

COSTA, Emília Viotti da, *A dialética invertida: 1960-1990*. *Revista Brasileira de História. Brasil: 1954-1964*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.14, n.27, p.9-26, 1994. .

Nietzsche, F. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução. Paulo César Souza: Companhia das Letras, 1992.

GIANNATTASIO, G. & IVANO, R. (org). *Epistemologias da História: Verdade, Linguagem, Realidade, Interpretação e Sentido na pós-modernidade*. Londrina: Eduel, 2011.

HUCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LYOTARD, Jean François. *Condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Correa Barbosa. São Paulo: José Olimpo, 2010.

OLIVA, Alfredo dos Santos. Por uma historiografia pós-moderna, pós- virada linguística e interpretativista. In: *Epistemologias da História: Verdade, Linguagem, Realidade, Interpretação e Sentido na pós-modernidade* Londrina: Eduel, 2011.

Reis, José Carlos. *História e Teoria: historicismo, temporalidade, moralidade e verdade*. Rio de Janeiro: Editora: FGV, 2007.

VASCONCELOS, José Antônio. *Quem tem medo da teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Analume: FAPESP, 2005.

WEBER, Max. Rejeições Religiosas do mundo e suas direções. In *Weber*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: ensaio sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio de Franco Correa Neto. São Paulo: Edusp, 1994.